



3 1761 06349222 7

AUGUSTO GIL

MUSA CERULA

PQ
9261
G5M8





AUGUSTO GIL

MUSA CERULA



COIMBRA

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DO EDITOR

MANUEL D'ALMEIDA CABRAL

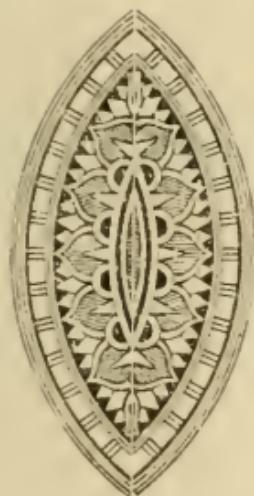
165—R. Ferreira Borges—165

1894.

*Melisca
de Freitas*

AUGUSTO GIL

MUSA CERULA



COIMBRA

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DO EDITOR

MANUEL D'ALMEIDA CABRAL

165—R. Ferreira Borges—165

1894.

MUSA CERULA

1891-93.

PQ
9261
G57M8



Honorate l'altissimo poeta

A JOÃO DE DEUS

... Quando lerdes
Entendei que segundo o amor tiverdes
Tereis o entendimento dos meus versos.

Camões.

O sentimentalismo constitue a Arte.

Taine.

Para fielmente contar o que sinceramente sente, não são necessarias ao poeta essas fórmas novas que devem *rutilar de inaudilismo*.

Ao assenhorear-se d'ella sentiria sem duvida o embaraço de quem, para beber agua de um regato, n'uma sesta de verão, tivesse de usar um pesado calice do seculo XVII, todo de oiro, cravejado de pedras, tirado de um museu de artes decorativas

Eça.

Almas irmãs da minha, a vós dedico e offerto
Este livro d'amor—meu coração aberto,
Folhas soltas ao ar na alegre revoada
De pombas a fugir no azul d'um alvorada.

Com ellas vejo ir pela amplitude calma
Pedaços do meu sér, pedaços da minh'alma:

E' tudo o que eu cantei de idyllico e olorante,
Desde o ceruleo olhar da minha terna amante
Até á coma edeal da minha sancta mãe,
Alva como um lilaz, branca como a cecem.

Almas irmãs da minha, a vós dedico e offerto
Este livro d'amor—meu coração aberto.

Profissão de fé

Não vão pensar que a minha musa seja
Alguma apparição allucinante
De olhar azul e labios de cereja,
Diadema d'oiro e espada flammejante.

A musa protectora d'estes versos
Detesta a rima altiva dos pamphletos,
Educa-me em principios bem diversos :
—Lê-me Petrarcha, o mestre dos sonetos.

Não me ensina a cantar imprecações
Contra as torpes gangrenas mundanaes,
Inspira-me sómente estas canções
Que vos fallam d'amor—e nada mais.

Apostolo do Bello e da Bondade,
Ella anda a propagar por toda a parte,
Ás almas auroreaes da mocidade,
A nova religião chamada—Arte.

Consagra um culto fervoroso e santo
Aos sentimentos bons, ás coisas mansas.
Respeita a Dor nas lagrimas do pranto,
Adora a Paz nos risos das creanças.

Por alta noite, quando a evoco e chamo,
Segreda-me ao ouvido brandamente,
Qual brisa leve a prepassar n'um ramo :
Traduz'em verso o que a tua alma sente.

*Canta os sorrisos, canta as amarguras
Dos teus vinte e dois annos incompletos.
Faç' d'elles um collar d'estrophes puras,
Faç' d'elles um rosario de sonetos.*

.....
.....

Já vêem, pois, que a minha musa é calma;
E agora, se quizerem lêr sem pressa,
Verão que em cada estrophe vae impressa
Uma affecção diversa da minh'alma.

A minha mãe

As illusões semelham-se a um collar
De perolas alvissimas, de espuma.
Se o fio que as segura se quebrar,
Cahem no chão, dispersas, uma a uma.

Cahem no chão, dispersas, uma a uma,
Se o fio que as segura se quebrar;
Mas entre tantas sempre fica alguma,
Sempre alguma suspensa ha de ficar,

D'as minhas illusões, dos meus affectos,
Longo collar de amores predilectos,
Muitos rolaram já no pó tambem.

Um só d'entre elles não cahirá jámais:
Aquelle que eu mais préso entre os demais.
—O teu amor sanctissimo de māe.

Impressões d'ella

I

Os labios são dois imans de desejos.
A bocca, então, é calix de venenos
Com infusão de beijos.
Eu, se o mortal licor provasse ao menos
Alguma vez sómente,
En volto já nas sombras da agonia
Ainda um beijo mais lhe pediria
—Para morrer contente...

II

A voz tem a dolente melopeia
Que Dom Juan tirava á guitarilha,
A' luz da lua cheia
Nas ruas de Sevilha;
Tem os enervamentos do Falerno
E a attracção da musica d'Orpheu;
Se a ouvisse, o inferno
—Tornava-se n'um ceu.

III

Os olhos não são olhos, são punhaes.
E tanto mais me fita, quanto mais
Os crava no meu peito;
Comtudo heide dizer-lhe:—«Oh minha amada
Desfia-o, fibra a fibra, á punhalada
Que morro satisfeito !»...

O matrimonio

De banza a tiracollo e capa á trovador,
Eu nunca fui cantar endeixas amorosas,
Lyrismos de Romeu junto aos balcões em fior,
Por sob o luar dormente e as nuvens vaporosas.

Tão pouco tenho a linha airosa, aristocrata,
Da fina fior do tom, os dandys adamados
Que andam pelos salões, monoculando, á cata
D'um dote que lhes salve a pança de cuidados.

Tenho, como qualquer, a aspiração ideal
D'uma noiva gentil, d'um ninho conjugal;
Mas tudo se desfaz se penso um só momento

N'este quadro banal, depois do casamento:
O sogro, a sogra, a esposa, um filho já taludo
E eu, muito aborrecido... a olhar p'ra aquillo tudo.

Dolorosa

Deitada sobre o esquife funerario
E vista á chamma trémula dos cirios,
Tinha a alvura das hostias do sacrario
E a pallidez suavissima dos lirios.

No seu rosto gentil e soridente
Havia a languidez da pomba mansa.
Parecia dormir serenamente,
Immersa em vagos sonhos de creança.

Annos passaram desde que morreu;
Comtudo vibra intensa no meu ser,
A sensaçao do beijo que me deu
Poucos momentos antes de morrer.

E julgo vel-a ainda á luz dos cirios,
Deitada sobre o esquife funerario,
Mais pallida que as petalas dos lirios,
Mais branca do que as hostias do sacrario...

Sonho de nupcias

Eu punha no teu labio a nota quente
A musica vibrante dos desejos,
Poisava-te no collo branco, ardente,
O poema rendilhado dos meus beijos.

Ao intimo contacto d'esses beijos,
Erguia-se em volutas de serpente
A curva delicada, alvinitente,
Das tuas fórmas, tremulas de pejos.

Senti então, allucinado e mudo,
O élo dos teus braços de velludo
Cingir-me contra a carne feiticeira.

E sobre o veu de gaze delicado,
Murchavam na capella do noivado
Os albentes botões da laranjeira...

Serenata

(A UMA VIZINHA)

Vae serena, desmaiada,
Entornando luar no azul,
A lua, taça quebrada
Dos festins do rei de Thule.

As estrellas maceradas
São como beijos de luz,
Ou lagrimas condensadas
Do martyrio de Jesus.

Serena como uma prece,
Caricosa como um ninho,
A via-lactea parece
Estrada feita de arminho.

Estrada feita de arminho
E flocos alvinitentes,
Que talvez seja o caminho
Para a morada dos crentes.

Curvam-se os lirios abertos,
Escutando o som da aragem,
E os rouxinoes dão concertos
Sob as folhas da ramagem.

Na atmosphera encantada
Anda a vibrar soluçante
A voz doce e requebrada
D'um bandolim tremulante.

Oh dona de olhos sensuaes
—Olha o luar tão bonito !
Façamos os esponsaes
Do nosso amor infinito.

Vamos vibrar os harpejos
D'uma serenata louca.
As notas, serão meus beijos
E a guitarra... a tua bocca.

A Alberto de Oliveira

(IMPRESSÃO DA BIBLIA DO SONHO)

Em quanto os outros vão, ao som das guitarradas,
Capas a desfiar, batinas sem botões,
Entre explosões joviaes de intensas gargalhadas,
Cantando alegremente eroticas canções,

Elle despresa a vida, o riso, os corações
E n'um mystico horror d'almas fanatisadas.
Foge do mundo e vae, á busca de illusões,
Em frageis bergantins de velas enfunadas.

Talento peregrino o seu ideal recorda
Um extasis de monja em frente d'um altar,
Á hora em que o sol morre e a lua meiga acorda.

E o seu verso dolente evoca dentro em mim:
Ao longe, muito ao longe, á branca luz do luar,
Os tremulantes sons d'ignoto bandolim . . .

Perdularia

(A PIO CAVALHEIRO)

Passou junto de nós, pedindo esmola,
Uma creança rota, magra, invalida.
Deitaste-lhe dinheiro na sacola,
Beijaste-lhe em seguida a face pallida.

Que feliz foi o pobre da sacola !
O seu desejo era bem mais modesto.
Podias dar-lhe unicamente a esmola
E a mim—dares-me o resto...

Em wagon

A chaminé vomita fumarada.
A machina assobia: parto emfim.
Na *gare*, ao longe, a minha namorada
Agita o lenço branco para mim.

Como rectas traçadas a namkim,
Sobre um fundo ceruleo de aguada,
Vejo no espaço nitidas, assim,
As linhas telegraphicais da estrada.

O sol, hostia de luz resplandecente,
Vae-se elevando gloriosamente
Na abobada vastissima dos ceus

E dois choupos batidos pelo vento
Curvam-se n'um ligeiro cumprimento,
Cerimoniosos, a dizer-me adeus...

Blasphemia santa

Jurou-me eterno amor. A noite ia cahindo.
E, entre outras phantasias,
Eu disse-lhe sorrindo:

Se Deus surgisse agora, aqui, perante nós
O que é que lhe dizias ?

—Que nos deixasse sós...

A' sobremesa

Variação sobre um Thema de Heine

(AEGAS MONIZ)

Na sala de jantar da baroneza
A conversa cahira mollemente,
E um creado esguio, soridente,
Trazia sobremesa.

Os commensaes fallavam sobre a vida.
—Viver é ir morrendo lentamente—
Dizia suspirando, em voz sentida,
Um lyrico doente.

A vida, accrescentou, volvendo os olhos,
Um bacharel vermelho, de melenas:
—E' um jardim de lirios e de abrolhos
De cardos e verbenas...

Continuou depois solemnemente
Um outro, litterato, de lunetas,
Com fama de escriptor intelligente,
Auctor de varias tretas:

—A vida é a viagem d'alguns dias:
Uns seguem n'ella a estrada dos revezes,
Outros a do prazer. As duas vias
Encontram-se por vezes...

O barão quasi calvo, de olhar vago,
Disse a sorrir, curvado na cadeira:
—A vida é isto. E despejou d'um trago
Um calix de Madeira.

Ao fundo, um par de jovens namorados
Fazia brindes intimos de amor
E a digestão punha nos convidados
 Um languido torpor.

Ouviu-se então, em voz de confidencia,
Dizer á baroneza um titular:
—Minha Senhora, creia-me Vocencia,
 A vida—é esse olhar...

Carmen

Sobre as dobras rendadas da mantilha
Brilham-te, como soes em pleno dia,
Os olhos mais galantes de Sevilha
Na fronte mais gentil d'Andaluzia.

A tua voz ao som da guitarrilha
Tem vibrações estranhas d'harmonia.
Ninguém canta melhor a seguidilha
N'esse paiz do Amor e da Alegria.

Nas voltas caprichosas do *bolero*
Não tens rival em graça e em *silero*
Carmen gentil, oh flôr das hispanholas !

Tu fazes-me o effeito inebriante
Dos vinhos de Xerez e de Alicante
Quando bailas ao som das castanholas !

Fervet amor

A conversa cahiu no casamento.
E defronte de nós, n'esse momento,
Noivava um par alegre de pardaes.

Ruborisada, attenta, olhaste os dois.
Em que meditas? disse, e tu depois,
Baixando o doce olhar— coraste mais.

Cantares

(A RAMIRO DE FIGUEIREDO)

A triste viuez tua,
Creança de olhos suaves,
Lembra-me as noites sem lua,
Lembra-me os ninhos sem aves.

Tão bonita e sem amores,
Á minha mente recordas
Uma jarra sem ter flores
Um bandolim sem ter cordas,

Oh meiga rôla sem par,
Á phantasia revelas
Uma barca em pleno mar
Sem ter leme e sem ter velas.

Moreninha idolatrada
Que o loiro Amor não seduz,
És como estrella apagada
És como um astro sem luz;

És como um cofre doirado
Cheio de gemas d'Ophir,
Por tal maneira fechado
Que ninguem o possa abrir.

Oh virgem de negra coma,
Oh minha doce gazella,
És como flor sem aroma
Como moldura sem tela,

Galathea que amo tanto,
Meu amor, peccados meus,
És um altar sem ter sancto
—Um paraizo sem Deus!

Senhor Doutor

Não ha quem endoido as moças
Como os olhos d'um doutor.

(*Cantiga coimbrã*).

Houve na aldeia viva sensaçō
Ao regressar o filho do morgado,
Que fôra para Coimbra de calçāo
E vinha agora bacharel formado.

Vae longe, olé, bradava o vozeirão
Do abbade. E' só fazel-o deputado.
E as moças entre si: Que rapagão !...
...Doutor, tão novo... Deus seja louvado...

Chegou a casa e n'esse mesmo dia,
Foi visitar radiosso de alegria
A filha da velhota que o creou.

E visitou-a tanto e tantas vezes
Que quando decorreram nove mezes
—O morgado da aldeia... era avô.

Ritornello

(A ALBERTO REGO)

I

O seu cabello loiro
E o perturbante olhar
Dos grandes olhos pretos
Serão a chave d'ouro
Com que eu hei de fechar
Um livro de sonetos.

II

Posta a gravata branca
E de casaca preta,
N'uma attitude franca,
Sem venias d'etiqueta,
Ler-lhe-hei um dos sonetos
Fechado a chave d'oiro
Feito aos seus olhos pretos
E ao seu cabello loiro.

III

Á nobre cortezã
Ha de mover, por certo,
O extranho talisman
Do livro que lhe offerto.
Que p'ra inspirar amor
A uns taes olhos pretos
Não ha philtro melhor
Que um livro de sonetos...

Esboceto

(A PEREIRA BARATA)

Como uma semi-tinta de aguarella,
Côa-se a luz, dulcissima, velada
Atravez das persianas da janella,
Sobre a pequena sala alcaifada.

N'um cavallete, apenas debuxada,
A tons ceruleos, sobre larga tela,
Uma marina calma, socegada,
Com botes de pescar, vogando á vela.

Sobre a meza rodeada de cadeiras,
Destaca, entre revistas estrangeiras,
Um busto de mulher adolescente

E a brancura leitosa do teclado
Põe no piano, entreaberto, ao lado,
Um ar de monstro, arreganhando o dente...

Consummatum est!

Amei-a muito, é certo. Amei-a com o louco
E desvairado amor d'algueum que nunca amou.
Por isso que a amei tanto é que a amei por tão pouco.
—Escusa de insistir. O meu amor findou.

Como um perfume leve que pelo ar se expande.
Assim esta paixão ardente se evolou.
Já nada resta agora d'esse amor tão grande.
—Escusa de insistir. O meu amor findou.

Hontem, ao lêr o meu bilhete quasi em branco,
Laconico e conciso, dizem que chorou.
Talvez fosse cruel, mas creia que fui franco.

—Escusa de insistir. O meu amor findou.

I

N'uma gaveta, entre papeis dispersos,
Encontrei, por acaso, 'n'outro dia,
 Os meus primeiros versos
 Singellos de harmonia,
Pobres de rima e cristallinos sons,
Mas cheios d'uma doce ingenuidade,
 Que os torna, na verdade,
 Sympathicos e bons.

Minha sincera e dedicada amiga,
Meu doce amor e minha aspiraçāo,
Como tributo de amisade antiga,
Deponho na tua mão,
Apenas retocadas,
Estas simples estrophes desmaiadas,
Para que vejas como os desenganos
Mataram, dia a dia e hora a hora,
As santas illusões dos meus quinze annos
Que inutilmente invoco e chamo agora...

II

Oração

Outomno. Morre o dia.

Cae sobre as coisas placidas e calmas
Um véo de sombra e de melancolia
Que dulcifica e embrandece as almas.

Todo o meu sér se invade
De enervantes e mysticas doçuras,
De mansidão, de paz, de suavidade,
De sentimentos bons, de ideias puras.

No coração prepassa
Uma piedade e compaixão serena
Por todos os validos da desgraça,
Por tudo quanto soffre e quanto pena:

Pelos pequenos entes
Sem abrigo, sem lar e sem carinho,
Que são como avesinhas innocentes
Postas por mão cruel fóra do ninho;

Pelos encarcerados
Que lançam, d'entre as grades da cadeia,
Ao ar, á luz, aos montes afastados
A vista afflictas e de amarguras cheia;

Pelos que vão pedindo
De porta em porta o pão de cada dia,
Tristes, que sempre a morte olham sorrindo
Porque ella unicamente os allivia;

Pelos que andam distantes
Entre cruezas, fomes e perigos,
Sentindo a nostalgia lancinante
Da patria, da familia, dos amigos;

E n'uma emoção crente,
N'uma fé viva, forte e bemfazeja,
A Deus supplíco fervorosamente
Que os guie, que os soccorra, que os proteja.

De longe

(N'UM BILHETE DE VISITA)

Eis o pedido simples que te indico,
Se acaso o teu amor do meu partilha:
Ama-me com o amor que eu te dedico
E pensa em mim, como em ti penso, filha.

Manhã no campo

Manhã no campo. O som, a luz, o aroma, a côr,
Fundem-se alegremente em galas festivaes.
A luz por todo o espaço, o aroma em cada flôr,
O som na passarada, a côr nos vegetaes.

É toda a natureza um extasis d'amor.
Por sob o céo, do tom das rosas óutomnaes,
Concebe o lirio branco, a laranjeira em flôr,
A abelha delicada, a pomba dos pombaes.

O vento sul dissipa as brumas do nascente,
E, como tem chovido a primavera inteira,
Vao quasi a transbordar o leito da ribeira.

O sol envolve o azul n'um lengo beijo ardente
E pelo espaço vão, em phantasiosas linhas,
As bohemias d'além-mar, as meigas andorinhas . . .

Adeus

Ha de lembrar-me sempre a immensa magua
Que vi transparecer nos olhos teus
Ceruleos, languescentes, rasos de agua,
Quando, poisando os labios sobre os meus,
N'um demorado osculo celeste,
Tremente e carinhosa me disseste
 Esta palavra:—Adeus!—

Afastei-me de ti e já distante
Voltei-me para vêr-te inda uma vez
Com o presentimento lancinante
De que te não veria mais, talvez.
Tornei-me então da lividez d'um monge,
Quando vi alvejar nos dedos teus
Um lenço branco repetindo ao longe:
 Adeus, adeus, adeus...

Lyrica chineza

I

Lembra-me a hastea comprida
Dos lyrios brancos em flôr,
A elegancia apetecida
Do seu corpo tentador.

II

Da sua côr singular
Dá uma ideia leve
A pallidez do luar,
Batendo um floco de neve.

III

Nem o breu, nem o carvão,
Nem a noite sem estrellas,
Têm a densa escuridão
Das suas tranças tão bellas.

IV

A sua bocca, a sorrir,
Quando mostra os alvos dentes,
Lembra perolas d'Ophir
Entre dois rubis fundentes.

V

Das suas fallas suaves,
Ao som commovente e lêdo,
Cessam os cantos das aves
E as folhas ficam de quêdo.

VI

O seu meigo olhar luzente
Nem sei bem o que revela...
Lembra um lago azul, dormente,
O dulcissimo olhar d'ella.

VII

Da sua mão pequenina,
Disse o imperador chinez:
Dava o throno, o sceptro, a China,
Pel-a beijar uma vez.

VIII

Quanto ao pé—que perfeição!—
Eu nem citarei mais factos:
Cabem na palma da mão
As fôrmas dos seus sapatos

Perolas

(A ABILIO DA FONSECA)

Como os mergulhadores orientaes
Que ao leito das ondinas vāo roubar
As perolas fulgentes, virginaes,
Sondei o negro abysmo d'esse olhar.

No pelago vastissimo do mar
Mergulham elles, muita vez em vāo;
Pois eu, mulher, roubei ao teu olhar
—A perola sem par d'esta paixāo...

Ignotus

Ninguem sabia ao certo quem elle era,
O bondoso pastor do presbyterio.
A terra onde nasceu? D'onde viera?
—Em vão se investigava tal mysterio.

Andava sempre só. Pelos caminhos
Encontravam-n'o, á tarde, muitas vezes,
Parado, a ouvir a musica dos ninhos
Ou as joviaes canções dos camponezes.

O signal do seu livro de orações,
Um dia que passava, absorto, a lêr,
Cahiu perto d'um grupo d'aldeões.

Um velho ao apanhar-lh'o reparára:
—Era um retrato antigo de mulher
D'uma belleza peregrina e rara.

Nec semper

São gemeas a Verdade e a Belleza,
Disse-me um grande sabio n'outro dia.
Se elle te conhecesse, com certeza,
Tamanha falsidade não diria.

Pois tu oh formosura incomparada
A quem o meu amor ardente aspira,
Sendo ja propria Belleza humanisada,
—És a synthesis viva da Mentira !

Combate

Fazer versos delirantes
Ao teu frio coração
É como engastar diamantes
N'um ad'reço de latão;

Comtudo meus versos são
Tiros certeiros, constantes,
Ao teu frio coração,
Aos teus desdens provocantes,

N'esta singular batalha
Não sei mesmo quem mais valha,
Qual de nós seja a vencer.

N'esta campanha secreta
Entre o amor d'um poeta
—E o desdem d'uma mulher!

Nostalgica

O amor é chamma enorme que allumia
E nos consome e gasta o coração.
Uma faúlha o ateia—a sympathia,
Termina em labaredas—a paixão.

Tanto é maior a luz que elle irradia,
Quanto intensa é depois a escuridão.
A indifferença é como a cinza fria
Que fica d'essa lenta combustão.

Senhora a quem amei perdidamente,
Não me entristece o seu desdem mordente,
Já nada me preocupa, nem me importa...

Porque, desde que vós me não amaeis,
O meu corpo doente não é mais
—Que a tumba viva da minh'alma morta...

Irmã da caridade

(A HENRIQUE GOES)

I

Muitos, ao vel-a, estacam deslumbrados,
Ficam como suspeusos d'esse olhar
Mais timido que os olhos dos veados,
Mais candido que os raios do luar.

Indifferente á propria formosura
Segue, porém, impavida, serena,
De habito negro como a noite escura
E touca branca como uma açucena.

A linha esculptural do seu perfil
É d'uma correccão incomparavel.
É alta, aristocratica, gentil,
De brandos gestos e maneira affavel.

E a Rubens, a Murillo, a Ticiano
Excederia certamente em gloria
Algum pintor que modelasse o arcano
Do seu busto de virgem merencoria.

II

É fria como a neve sobre o polo
E pura como uma alma de creança.
Olha uma rocha como olha um collo;
E-lhe estranha a tormenta ou a bonança.

Nem lhe estremece o labio virginal
Ao beijar a nudeza de Jesus,
O grande martyr, sonhador ideal
Que expira mansamente n'uma cruz.

Quando morrer na cella do mosteiro,
Á cova n'um esquife hão de leval-a;
Serão então os braços do coveiro
—Ultimos e primeiros a abraçal-a...

Abril

Enorme, arredondado, reluzente,
Como se fôra um olho de Titan,
O sol no azul olhava fixamente
A natureza lubrica, pagã.

E á luminosidade transparente
Do céu avelludado da manhã,
Um melro ia cantando alegremente
Uma canção brejeira e folgazã.

Nuvens de fumo tenues, vaporosas,
Evolavam-se em formas caprichosas
Das chaminés esguias dos casaes.

E em choreação festiva, galhofeira,
Ouvia-se nas bandas da ribeira
Um concertante alegre de pardaes...

Aldeã

Podem dizer talvez que ella não tem
As fórmas peregrinas, delicadas,
Das cortezãs de peito de cecem
Que vão á noite aos bailes, decotadas.

Podem dizer talvez, e dizem bem,
Que ás suas faces tumidas, rosadas,
Falta a côr macilenta que convém
Ás virgens dos sonetos e balladas.

À elegancia doente e vaporosa
Eu prefiro, comtudo, a fórmá airosa
Do seu corpo gentil de mulher sã;

Por isso adoro e préso mais que tudo
Os seus olhos dolentes de velludo,
Os seus labios vermelhos de romã.

Amor omnia vincit

(A GARCIA MARQUES)

I

O amor não se confrange,
O amor não se combate.

É como a luz do sol que tudo abrange,
É como um raio audaz que tudo abate;
É como em terra fecundante a flôr,
Viceja e medra, embora se não trate.

Não se confrange o amor,
O amor não se combate.

II

O amor não se commenta,
O amor não se discute.

Embalde imploro á minh'alma sedenta
Que me oiça, que me attenda, que me escute.
Em vão busco acalmar o louco ardor
D'esta paixão lethal que me atormenta.

Não se discute o amor,
O amor não se commenta.

A uns annos

Se eu fosse rei, Senhora, n'este dia
O pagem mais gentil da minha côrte,
Como tributo d'amisade, iria
A esses pés miniaturaes depôr-te

Um brinde sem rival, d'alta valia;
Mas sabes bem que não sou rei. De sorte
Que não pode ir, como eu desejaria,
O pagem mais gentil da minha côrte

Offerendar-te joias de valia.
Em vez do brinde, mando todavia
Um ramo de lilazes e cecens.

E pelo pagem loiro, alvinitente,
Mando, Senhora minha, unicamente
Este soneto a dar-te os parabens.

Struggle for life

(A ALBERTO SILVA)

«Luctar, luetar!» dizeis-me vós. «A lucta
É inherente á propria natureza»,
Mas qual é a victoria absoluta
N'esta guerra sem treguas, sempre accesa !

Hája quem venha á barra, quem discuta
E me combata e dome esta incerteza.
Sinto a minha alma inerme, irresoluta,
Cheia de abatimento e de fraqueza,

Eu luctaria com denodo, sim,
Se á lucta visse um terminus, um fim;
Mas qual de vós que ha tanto batalhaes

Com animo valente e sanha viva,
Poude alcançar ou conseguir jámais
A victoria final — a decisiva?

Ponto final

(N'UM ALBUM)

Pediste-me um soneto delicado,
Exquisito, gentil, galanteador,
Feito com versos d'oiro e cravejado
Com rimas de finissimo lavor.

Ora eu, confesso aqui o meu peccado,
Nunca tive feição de trovador,
Acho o lyrismo d'album requintado,
Banal, elogioso, sem valor.

Aqui me tens; jámais falto ás promessas.
Exijo, pois, de ti que não esqueças,
Em troca, filha, este pedido meu:

Que para ennobreceres o soneto,
Venhas fechar o ultimo tercetto
—Com o ponto final d'um beijo teu.

El punto final

(TRAD. DE JOSÉ DE SILES)

Pedisteme un soneto delicado,
exquisito, gentil, galanteador,
hecho con versos de oro, y cincelado
con rima de finissima labor.

Ahora bien, yo confieso mi pecado;
nunca tuve afición de trovador,
y detesto al poeta almibarado
que en albums habla de banal amor.

Cedo, no obstante. Pero, no te azores
si pretendo de ti que colabores,
y que en premio al trabajo que rehuyo,

para que algún valor tenga el soneto,
te dignes terminar este terceto...
con el punto final de un beso tuyo.

INDICE

MUSA CERULA

Dedicatoria	Pag.	9
Profissão de fé	"	11
A minha māe	"	15
Impressões d'ella	"	17
O matrimonio	"	19
Dolorosa	"	21
Sonho de nupcias	"	23
Serenata	"	25
A Alberto de Oliveira	"	29
Perdularia	"	31
Em wagon	"	33
Blasphemia santa	"	35
A' sobremesa	"	37
Carmen	"	41
Fervet amor	"	43
Cantares	"	45
Senhor Doutor	"	49
Ritornello	"	51
Esboceto	"	53
Consummatum est	"	55
I—	"	57
II—Oração	"	59
De longe	"	63
Manhā no campo	"	65

Adeus	"	67
Lyrica chineza	"	69
Pérolas	"	73
Ignotus	"	75
Nec semper	"	77
Combate	"	79
Nostalgica	"	81
Irmã de caridade	"	83
Abril	"	87
Aldeã	"	89
Amor omnia vincit	"	91
A uns annos	"	93
Struggle for life	"	95
Ponto final	"	97
El punto final	"	99

Acabou
de imprimir-se este volume
aos 6 de abril de mil oitocentos e noventa
e quatro
na typographia de
José Joaquim dos Reis Leitão,
Rua do Norte, 6
Coimbra.



PQ Gil, Augusto
9261 Musa cerula
G5M8

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

